

Aos governos e organizações reunidos em Montreal,

A recente tragédia no Haiti comoveu povos do mundo inteiro por seu impacto destrutivo, as conseqüências ambientais e sociais, e sobretudo as perdas humanas. Infelizmente, desastre naturais não são uma novidade no país caribenho, impactado em 2008 pelo furacões Hanna e Ike.

Tampouco é a primeira vez que observamos a comunidade internacional fazer promessas de cooperação e auxílio ao Haiti. Nos preocupa enquanto organizações e movimentos sociais, e com base no contato permanente e consulta com os nossos parceiros lá, a forma como esta resposta está sendo coordenada e em que medida elas estão comprometidas com a reconstrução do país sob bases soberanas e em pleno acordo com as necessidades e demandas do povo haitiano.

É momento dos governos que compõem a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH), as Nações Unidas e especialmente Estados Unidos, França e Canadá que revejam grande parte das equivocadas políticas implementadas no Haiti. A condição de vulnerabilidade do país às tragédias naturais – provocadas em grande medida pela devastação do meio ambiente, pela inexistência de infraestrutura básica e a debil capacidade de ação social do Estado - não estão deslocadas dessas políticas, que atentam historicamente contra a soberania do povo e seu país. Se gerou nesse sentido uma dívida histórica, social, económica, ambiental e cultural com Haiti em que esses países e instituições tiveram uma grande cota de responsabilidade. Esses devem reparar suas dívidas com o povo haitiano, ainda mais nessa situação em que agora se encontram.

Neste sentido, **rechaçamos a militarização do país** como falsa resposta ao desastre recente e a medida unilateral dos Estados Unidos de enviar mais de 20.000 soldados a fim de resguardar seus interesses econômicos e geopolíticos. A ocupação de tropas nos últimos seis anos pela MINUSTAH não contribuiu efetivamente para a estabilização, nem para a provisão de infraestrutura e bens públicos; e nada indica que a manutenção dessas políticas será efetivo no futuro.

Exigimos aos governos e as organizações internacionais a anulação imediata e incondicional da dívida externa do Haiti, cujo pagamento compromete milhares vidas humanas. Igualmente, exigimos que os recursos direcionados ao auxílio da reconstrução não gerem novos endividamentos, nem sejam impostas condicionalidades ou qualquer forma de imposição externa que desvirtuem esse objetivo, como é prática das instituições financeiras internacionais como o Banco Mundial, o BID e o FMI, os chamados "países doadores". Da mesma forma rechaçamos que empresas privadas transnacionais aproveitem essa tragédia para obter negócios multimilionários na reconstrução do país, como ocorre no Iraque, e explorar mão de obra barata e aproveitar-se dos recursos naturais.

A sociedade haitiana, suas organizações, movimentos sociais e representações estatais devem ser os agentes protagonistas do esforço internacional de reconstrução do país: os primeiros a serem ouvidos e com a palavra final e soberana sobre seu destino. O povo haitiano já se levantou em tantas ocasiões a partir de seus próprios esforços, com a força e a convicção de seu exemplo histórico de liberdade. Qualquer cooperação só pode se tornar efetiva se contar esse engajamento e uma plena participação popular.

Estamos atentos seguindo os acontecimentos e em diálogo com as organizações haitiana para que a cooperação internacional se dê sob esse bases solidários e não repita, mais uma vez, os equívocos de políticas passadas. Por um Haiti livre e Soberano!

To the governments and organizations gathered in Montreal on the situation in Haiti

The recent tragedy in Haiti shocked the people of the world for its destructive impact, the

environmental and social consequences, and especially for the loss of human lives. Unfortunately, natural disasters are not new in that Caribbean country, which was impacted in 2008 by hurricanes Hanna and Ike.

Nor is it the first time we have watched the international community make pledges of cooperation and assistance to Haiti. We are concerned, as organizations and social movements and on the basis of permanent contact and consultation with our partners there, that the international response be coordinated on the basis of respect for their sovereignty and in full accordance with the needs and demands of the Haitian people.

Now is the moment for the governments that form part of the United Nations Mission for the Stabilization of Haiti (MINUSTAH), the United Nations, and especially the U.S., Canada, and France, to reassess the many mistaken policies they have implemented in Haiti. The country's condition of vulnerability to natural disasters - in large part caused by the devastation of the environment, the lack of basic infrastructure and the weak capacity of state social action - is not unrelated to these policies, which have historically undermined the sovereignty of the people and their country, thus generating a historical, social, economic, environmental, and cultural debt in which these same countries and institutions have a major share of responsibility. Reparations must be made to the Haitian people for these debts, and all the more so in the face of the present situation affecting the country.

In this regard, **we reject the militarization of the country** as a false response to the recent disaster, including in particular U.S. unilateral action to send an additional 20,000 troops to safeguard its economic and geopolitical interests. The occupation troops of the MINUSTAH, over the past six years, did not contribute effectively to the stabilization or the provision of infrastructure and public goods, and nothing indicates that maintaining this policy would be effective from now on.

We call on governments and international organizations to **immediately and unconditionally cancel the external debt claimed of Haiti**, the servicing of which affects millions of lives. We also demand that the resources allocated for relief and reconstruction do not create new debt, or conditionalities that are imposed or any other form of external imposition which vitiates this goal, as is the practice of international financial institutions like the World Bank, the Interamerican Development Bank, the IMF, and the so-called donor countries. We also reject the intervention of private multinational companies who seek to take advantage of this tragedy to reap multibillion dollar profits in the reconstruction of Haiti, as happened in Iraq, or to exploit cheap labor and continue to plunder the country's natural resources.

Haitian society, its organizations, social movements and state representatives should be the protagonists of the international effort to rebuild their country: the first to be heard and the final and sovereign decision over their destiny. The Haitian people have lifted themselves up many times on the basis of their own will, with the strength and conviction of their historical example of having been the first people to free themselves in America. Any cooperation can be effective only if it is based in this commitment and full popular participation.

We are alert, and following developments in dialogue with Haitian organizations, in order to ensure that international cooperation takes place on the basis of this kind of solidarity and that the errors of past policies are not repeated. For a free and sovereign Haiti!

- January 25, 2010

À l'attention des gouvernements et organisations réunies à Montréal pour faire face à la situation en Haïti

La récente tragédie en Haïti a ému les peuples du monde entier de par son impact destructeur, ses conséquences environnementales et sociales, et surtout la perte de vies humaines qu'elle a provoquée. Lamentablement, les désastres naturels ne sont pas une nouveauté dans ce pays des Caraïbes, comme en font foi les ouragans Hanna et Ike au cours de l'année 2008.

Il n'est pas non plus nouveau de voir la communauté internationale lancer des promesses de coopération et d'aide à Haïti. En tant qu'organisations et mouvements sociaux, et sur la base du contact permanent et de consultations avec nos partenaires là-bas, nous nous inquiétons que la réponse internationale puisse être coordonnée autrement que sur la base du respect de la souveraineté et de plein accord avec les nécessités et demandes du peuple haïtien.

Le moment est venu pour que les gouvernements qui participent à la *Mission des Nations Unies pour la stabilisation en Haïti* (MINUSTAH), les Nations Unies et en particulier les États-Unis, le Canada et la France, revoient de fond en comble les politiques erronées qu'ils ont appliquées en Haïti. La vulnérabilité du pays aux désastres naturels –en grande partie causée par la dévastation de l'environnement, le manque d'infrastructures de base et la faible capacité d'action sociale de l'État– n'est pas sans liens avec ces politiques qui, historiquement, ont miné la souveraineté du peuple et de son pays. Elles ont engendré une dette historique, sociale, économique, environnementale et culturelle dont la responsabilité est en grande partie attribuable à ces pays et institutions. Il est urgent de réparer ces dettes avec le peuple haïtien, encore plus maintenant face à la situation à laquelle il est confronté.

En ce sens, **nous rejetons la militarisation du pays** en tant que réponse inappropriée au récent désastre, et dénonçons la mesure unilatérale des États-Unis d'envoyer plus de 20,000 soldats afin de protéger ses intérêts économiques et géopolitiques. L'occupation des six dernières années par des forces étrangères, par le biais de la MINUSTAH, n'a pas contribué dans les faits à la stabilisation ni à l'établissement d'infrastructures et de services publics adéquats. Rien n'indique que le maintien de ces politiques constitue un moyen efficace dans la période à venir.

Nous exigeons des gouvernements et organisations internationales **l'annulation immédiate et inconditionnelle de la dette externe de Haïti**, dont le remboursement affecte des millions de vies humaines. Nous exigeons également que les ressources destinées à l'aide et à la reconstruction ne conduisent pas à un nouvel endettement, ni qu'on impose des mesures de conditionnalité ou autres restrictions de nature externe qui en altèrent les objectifs, comme cela est devenu une pratique courante des Institutions financières internationales comme la Banque mondiale, la Banque interaméricaine de développement (BID) et le Fonds monétaire international (FMI), ainsi que des pays dits « donateurs ». De plus, nous refusons que les entreprises privées multinationales profitent de cette tragédie pour faire des affaires d'or par le biais de la reconstruction du pays, comme cela est arrivé en Irak, ou qu'elles exploitent la main d'œuvre bon marché et tirent parti des ressources naturelles.

La société haïtienne, ses organisations, ses mouvements sociaux et ses représentants au sein de l'État, doivent être les protagonistes de l'effort international de reconstruction de leur pays. Ils doivent être les premiers à être écoutés et entendus, et doivent conserver la maîtrise finale et souveraine des décisions prises sur leur destinée. Le peuple haïtien s'est remis debout à maintes occasions, partant d'une force de volonté et conviction exemplaire qui en ont fait le premier peuple libre de l'Amérique. Toute coopération ne peut être efficace que si elle sait prendre acte de cet engagement et compte sur l'entière participation populaire.

Nous demeurons aux aguets et suivons les événements dans un dialogue constant avec les organisations et partenaires haïtiens, pour faire en sorte que la coopération internationale s'effectue sur la base de principes solidaires, et pour éviter que les erreurs des politiques du passé ne se répètent. Pour une Haïti libre et souveraine!